

IN/EXTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO: A MEDIÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM DEBATE

Luiza Turnes
Rafael da Cunha Lara
Lucídio Bianchetti

Resumo

A incorporação das tecnologias digitais nos processos de trabalho em geral e na educação em particular interpela de diferentes maneiras os modos de viver e produzir dos homens e mulheres. No âmbito da pós-graduação, em função do modelo de regulação e avaliação vigente, os usos dessas tecnologias repercutem, entre outros aspectos, na intensificação e na extensificação do trabalho docente. Por meio de um estudo de caso múltiplo realizado com professores que atuam em 48 cursos de Doutorado em Educação, nas cinco regiões geográficas brasileiras, analisamos de que modo os usos dessas tecnologias interferem no trabalho docente e no cotidiano desses professores. Entre outros aspectos, que favorecem melhorias em alguns processos, concomitantemente identificamos que os usos das tecnologias digitais têm contribuído para consolidar práticas de um trabalho intensificado e extensificado. Implementado via tecnologias digitais e móveis, o trabalho ubíquo tem cada vez mais colonizado espaços e tempos originalmente de descanso e ócio e corrobora com a condição de atemporalidade do trabalho docente na pós-graduação, realizado a todo e qualquer momento, sob uma tessitura *full time*.

Palavras-chave: Trabalho docente; Pós-graduação; Tecnologias digitais.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Com o presente texto propomos discutir aspectos do processo e de resultados de uma pesquisa de doutorado, por meio da qual objetivamos analisar os processos de trabalho de professores que atuam na pós-graduação (PG) *stricto sensu* em Educação a partir da incorporação das tecnologias digitais (TD) no seu cotidiano. Sob a abordagem do estudo de caso múltiplo (YIN, 2001), a pesquisa envolveu professores que atuam em cursos de doutorado de 48 Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) de universidades públicas e particulares das cinco regiões geográficas brasileiras, composto por um universo de 1.169 docentes, dos quais 293 participaram do estudo – amostragem considerada válida pelos parâmetros da inferência estatística segundo Barbetta (2002) e Parma (2015). As informações foram coletadas junto aos professores por meio de questionário eletrônico, com perguntas abertas, fechadas e semiabertas, analisadas com base na proposta metodológica sugerida por Orlandi (2009). Em que pese as alterações nos processos de trabalho relacionados aos usos

das TD sob as mais diferentes maneiras, neste texto o enfoque é a relação entre os usos dessas tecnologias no trabalho docente na PG, a extensificação dos espaços/tempos e a intensificação dos ritmos de trabalho, bem como suas repercussões para a vida dos professores envolvidos.

Ancorados em outros estudos que analisam as repercussões da passagem do modo analógico para o modo digital de trabalhar e produzir (KUENZER; ABREU; GOMES, 2007; BIANCHETTI, 2008; ANTUNES; BRAGA, 2011), partimos do pressuposto que a lógica dominante no modo de produção vigente impõe aos professores a adesão compulsória ao uso das TD em seus processos de trabalho. Isso ocorre tanto por meio de políticas educacionais de fomento e incentivo à incorporação das tecnologias na Educação quanto por meio da informatização de processos de trabalho, da emergência da cultura digital e da inserção de diferentes equipamentos e programas (*hardwares* e *softwares*) na vida cotidiana e do trabalho na universidade. Esta inserção certamente facilita, sob muitos aspectos, o trabalho a ser realizado na PG, qualificando o acesso aos pares, à comunidade científica e ao conhecimento socialmente produzido. Contudo, as vantagens ressaltadas não revertem em melhorias equivalentes nas condições de trabalho dos docentes. Subjacente a estas eventuais melhorias em alguns processos, o uso das TD também propicia a invasão de tempos e de espaços de não trabalho dos professores da PG, ocasionando “trabalho em tempo integral” e instaurando uma “cultura de (necessária) total disponibilidade do orientador”, como pode ser apreendido dos depoimentos dos participantes da pesquisa¹.

Nesse sentido, partimos de dois elementos fundamentais. O primeiro é, evitando incorrer no determinismo tecnológico, a adoção do conceito de tecnologia utilizado por Vieira Pinto (2005). Nessa perspectiva, as condições de trabalho não podem ser explicadas nem discutidas pelas tecnologias em si mesmas, visto que, embora elas contenham políticas (CUPANI, 2015), são meios, e não entidades com vida própria capazes de determinar, em última instância, processos de trabalho mais precários ou mais profícuos. O segundo elemento, estreitamente relacionado ao primeiro, é o entendimento de que as TD não se desenvolvem apartadas do modo de produção vigente. Antes disso, pela lógica neoliberal, as tecnologias são convertidas em meios para produzir insumos e elas mesmas são transformadas em mercadorias, ao mesmo tempo em que, pelo seu uso, visa-se a maximização dos ritmos e de espaços de produção. Desta perspectiva, emerge uma série de críticas acerca da adoção do ideário neoliberal no modelo operacional de universidade (CHAUÍ, 1999) na qual impera uma

¹ Alertamos que o nosso entendimento é de que esse movimento ambíguo não pode ser explicado pelos usos das TD em si mesmos, mas pelo modo de trabalhar e produzir instaurado na PG a partir de uma lógica neoliberal produtivista, que, de todo modo, se vale dessas tecnologias para a consecução e (re)produção dessa lógica.

lógica produtivista induzida pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) dentro do chamado “modelo CAPES de avaliação” e financiamento (SGUISSARDI, 2006). No mesmo sentido, sob a égide desse modelo, o emprego das TD nos processos de trabalho na PG propicia, nas palavras de Mancebo (2009, p. 208-209), um “volume sempre crescente de procedimentos, atualmente ao encargo dos docentes, que lhes são determinados por e-mails, celulares, em qualquer tempo e local”, além de favorecer o redimensionamento de atividades burocráticas que passam a compor a agenda do professor. A autora acrescenta, a esse contexto, a necessidade de uso de vários sistemas informatizados e “avaliativos, que exigem cada vez mais o preenchimento de formulários, que por sua vez alimentam modernos sistemas de contabilidade e controle” (*ibidem*) do trabalho docente na PG.

De modo semelhante, emergem vários fatores de tensionamento na incorporação das TD no trabalho docente no contexto da lógica produtivista da PG: as demandas por novas qualificações profissionais e a “aceleração do binômio desqualificação-requalificação” (MANCEBO, 2009, p. 206) para acompanhar o ritmo da produtividade e da renovação tecnológica; a necessidade de materialização do trabalho do professor no ciberespaço e o consequente controle sobre seus processos de trabalho; o desgaste emocional decorrente da ubiquidade² que permeia o trabalho docente no contexto de uma “sociedade do cansaço”, que coincide com a sociedade da produtividade e do desempenho (HAN, 2015); a emergência do fenômeno conhecido como “tecnoestresse” (CARLOTTO, 2010), em função das relações dos trabalhadores com as tecnologias e que, paradoxalmente, podem levar a uma adição de trabalho; a necessidade de manejo e gerenciamento de novas tecnologias nos processos de trabalho; a diluição dos tempos e espaços de trabalho e não trabalho e a dilatação de tempos e espaços de trabalho, podendo levar à supressão do tempo livre; a relação entre o uso de tecnologias e ‘mais trabalho’ (BIANCHETTI; MACHADO, 2009), dentre outros. Podemos incluir ainda os aspectos ergonômicos e ergológicos decorrentes do uso intensificado de tecnologias digitais e móveis, as condições nas quais o trabalho é realizado e as tecnologias são inseridas, a infraestrutura e apoio técnico, dentre outros.

A partir desse cenário, procuramos analisar como se constitui, o que mudou no trabalho docente na PG com a incorporação das TD e como os professores percebem essas

² Neste texto adotamos o conceito de ubiquidade utilizado por Santaella (2007). Para a autora, a incorporação de tecnologias digitais e móveis ao cotidiano leva o indivíduo a uma condição ubíqua, que maximiza seus espaços de presença e atuação de modo simultâneo. De nossa perspectiva, no modo de produção vigente essa maximização de espaços simultâneos potencializa, entre outros, a maximização de espaços de trabalho e a corrosão de tempos e espaços privados.

alterações em seu cotidiano de trabalho. Na análise das respostas, privilegiamos, neste texto, aquelas manifestações que relacionam os usos das TD à intensificação e à extensificação do trabalho, e que corresponde a aproximadamente 60% dos depoimentos dos docentes pesquisados.

2 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA PG

Neste item, analisaremos brevemente o trabalho docente na PG a partir da caracterização dos sujeitos de pesquisa, bem como suas concepções dos usos das TD em seus contextos de vida e trabalho. Inicialmente, destacamos que 58% dos professores atuam em universidades federais, 23,9% em universidades estaduais e 18,1% em universidades particulares. Entre os participantes do estudo, a faixa etária com maior incidência é a de 46 a 50 anos, sendo que 68% são do sexo feminino. Atuam nas mais variadas faixas de tempo em cursos de doutorado, sendo que as faixas de 5 a 9 anos e a de mais de 15 anos de atuação são as maiores (23,2%). Os participantes do estudo fazem uso das TD no contexto pessoal regularmente. Contudo, 37% têm dificuldades técnicas para uso das TD nas atividades da PG. A variedade de dificuldades encontradas e as ações colocadas em movimento para contorná-las, inclusive com recursos financeiros pessoais, são, na nossa perspectiva, tensionamentos nesse aspecto do trabalho, visto que nem todos contam com apoio técnico na universidade.

Os participantes do estudo estão envolvidos numa multiplicidade de atividades relativas ao seu trabalho na universidade, tendo sido contabilizadas pelo menos 80 atividades distintas, listadas pelos professores. A maioria dos docentes considera sua jornada de trabalho insuficiente em termos de tempo, o que os obriga, com frequência, a levar tarefas para serem feitas ou concluídas em casa. Contraditoriamente, entre os professores que acreditam que a carga horária é suficiente, a prática comum instaurada também é a de trabalhar em casa. São poucos os professores que não dispõem nem mesmo de sala para trabalhar na universidade (10 casos), e observamos uma variedade de equipamentos que existem à disposição destes na maioria dos casos. A forma como os professores avaliam a introdução das TD nos processos de trabalho também é controversa: na maioria dos casos, concordam que o uso é opcional, ao passo que convergem no sentido de que existem atividades que só podem ser realizadas por meio das TD.

A maioria dos participantes utiliza regularmente as TD em seus processos de trabalho de ensino, orientação, pesquisa e publicização de sua produção acadêmica, de modo que

podemos considerar que os professores que não utilizam ou que utilizam muito pouco as TD são exceção, apesar das dificuldades técnicas ou falta de infraestrutura nos espaços da universidade. Contudo, identificamos que os usos mais frequentes das TD são para atividades “obrigatórias”, como atualização do Currículo Lattes e divulgação de notas aos alunos e atividades burocráticas decorrentes da informatização de processos e outras resultantes do enxugamento dos quadros de servidores técnico-administrativos.

Analisando a frequência dos usos das TD para os diferentes processos de trabalho na PG, nossa conclusão é que a dimensão do trabalho docente mais impactada pela inserção das TD diz respeito à pesquisa. Isso ocorre, de um lado, pela valorização que essa dimensão do trabalho docente na PG tem em relação, por exemplo, ao ensino (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009). Mas também porque é por essa dimensão do trabalho que o professor de PG é reconhecido entre os pares. Nesse sentido, e pelo modelo CAPES de avaliação e fomento, o professor é compelido a ser produtivo e a incorporar ferramentas que tornem seu trabalho mais produtivo, o que pode levar ao desenvolvimento de competências digitais no âmbito das atividades de pesquisa em detrimento, por exemplo, de necessárias competências digitais para a mediação pedagógica ligadas ao ensino. Por fim, entre os pesquisados, é consenso que a incorporação das TD provocou mudanças no trabalho docente na PG e, em paralelo, é consenso que a dimensão do trabalho que mais se alterou, em função dos usos das TD, foi a espaço-temporal. Essas alterações estão ligadas diretamente à ideia de intensificação e extensificação do trabalho docente, discutidas a seguir, e recorrentes nos depoimentos dos professores que participaram da pesquisa.

3 INTENSIFICAÇÃO DOS RITMOS DE TRABALHO: TRABALHO *ON-LINE* E ATEMPORAL

A revisão de literatura acerca do trabalho docente na PG é profícua no que diz respeito ao chamado produtivismo acadêmico e à conseqüente intensificação do trabalho docente (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009; BIANCHETTI; SGUISSARDI, 2009; CHAUI, 1999; ZUIN; BIANCHETTI, 2015). Ao incorporar a lógica neoliberal nas políticas de regulação da PG a partir de 1997, a CAPES induz um processo no qual a busca pela qualidade converte-se em busca incessante pela quantidade; e a produtividade converte-se em produtivismo acadêmico, como forma de garantia da sobrevivência do pesquisador no Programa de PG e do próprio Programa, visto que a avaliação está diretamente vinculada ao

financiamento. Nesse sentido, pelo modelo de avaliação implementado pela CAPES considera-se muito mais o quanto um pesquisador produz e publica em relação à qualidade ou benefício e interesse científicos, público e social do que é produzido.

A intensificação do trabalho está diretamente relacionada à lógica produtivista, no sentido em que as exigências de produção compelem o pesquisador a produzir mais em menos tempo. Em nossa investigação, dentre os fatores mais citados pelos professores³ sobre o que mais se alterou no seu trabalho docente, decorrente da inserção e incorporação das TD, sobressai-se a invasão de tempos e espaços de não trabalho (53 ocorrências) e, mais do que isso, a disponibilidade em tempo integral do professor (14 ocorrências). Relacionados ao tempo, também surgem depoimentos atrelados ao aumento de interrupções constantes do trabalho (via dispositivos digitais) e o aumento de demandas urgentes (seis ocorrências). A ampliação do número de tarefas (11 ocorrências) e o aumento do volume e da intensidade de trabalho (47 ocorrências) são fatores de destaque que puderam ser categorizados a partir dos depoimentos dos professores, registrados nos questionários. A instauração de um mal-estar docente afetando as condições de saúde dos professores (11 ocorrências) e o controle sobre o trabalho dos docentes (cinco ocorrências) também foram categorizados como aspectos negativos relacionados à inserção das TD nos processos de trabalho na PG.

Em nossa pesquisa sobre o que mais se alterou com a incorporação e uso das TD, muitos depoimentos corroboram para evidenciar uma situação degradante de trabalho docente na PG: “*Não tenho mais tempo livre, tempo para lazer, fins de semana, feriados e férias. O tempo para os amigos e familiares desapareceu. Tudo virou trabalho*” (P004). Ou ainda: “*O tempo de trabalho invadiu o meu tempo de lazer*” (P005). “*Não há mais férias ou tempo livre do trabalho*” (P014). Para alguns professores, a principal alteração no trabalho docente, em função da inserção das TD, é que “*diminuiu o tempo de descanso*” (P041) ou, em outros casos, é “*o fim do descanso*” (P036). Em muitos casos, o emprego das TD nos processos de trabalho faz com que os professores trabalhem mais tempo do que antes, dentro da lógica produtivista induzida pela CAPES. Tal constatação remete à ideia presente em *O Capital*, no qual Marx (1996) antecipava que o impulso imanente da produção capitalista é apropriar-se do trabalho das 24 horas do dia.

No contexto de nossa investigação, as manifestações dos professores que foram categorizadas como “trabalho em tempo integral” ou “invasão, pelo trabalho, de tempos e

³ Identificamos os/as participantes da pesquisa com a letra “P” (professor/a), seguida de um código numérico de acordo com a ordem cronológica de recebimento do questionário. Assim, P001 corresponde ao professor que primeiro devolveu o questionário, e assim por diante. Essa codificação é utilizada para identificar os depoimentos no decorrer do texto.

espaços de não trabalho” apontam para essa expropriação do tempo. Embora muitos professores tenham personificado nas TD as condições para um trabalho mais degradante na PG, é a lógica sob a qual se desenvolve esse trabalho que favorece que “o trabalho [venha] pelo ar” (P057), como é possível apreender a partir desse depoimento: “O trabalho praticamente ocupa todo o tempo disponível. As TD [...] intensificaram o trabalho, aumentaram a produtividade [...]. O problema não está no avanço das tecnologias, mas sim no uso que os centros controladores do trabalho docente fazem delas” (P051).

As condições de trabalho na PG e a incorporação das TD nas atividades são relacionadas de diferentes modos pelos professores: “O trabalho agora é full time” (P144). Essa ampliação do trabalho para todo e qualquer espaço e tempo de vida redimensiona o próprio papel do professor, ou como ele representa sua identidade docente nesta ambiência: “De certa forma, me tornei ‘atemporal’” (P121). Essa identidade, quase sobrenatural, resume como muitos professores se veem em relação ao seu trabalho na PG frente a “uma ampliação da relação espaço/tempo para uma quantidade muito maior de ‘trabalho direto’, ou seja, atenção aos alunos e à coordenação” (P121) que, na impossibilidade de ser realizado com superpoderes, acaba sugando energias dos docentes: “A principal alteração é o trabalho em tempo integral. Durmo pouco e sempre com uso de remédios. Vivo cansado, irritado, esgotado, exausto e sempre pressionado por muitos prazos e urgências todos os dias” (P003). “Não tenho tempo de fazer nada” (P244). A relação entre produtivismo acadêmico e intensificação do trabalho pode ser sintetizada pelo depoimento de uma das professoras que respondeu ao questionário – espaço que foi utilizado, inclusive, para fazer cobranças ao pesquisador:

Não há mais tempo livre. O tempo é dedicação total, há sempre mais uma convocação de trabalho, pesquisa, informação, pedido de orientação, relatório, não se consegue nunca vencer o que se tem para fazer. PRODUZIMOS PARA QUÊ? Em nada contribuimos para melhorar a escola. Apenas aumentamos a lista das publicações. Aumentamos o controle sobre nosso trabalho. A fiscalização é permanente. Além de produzir temos que buscar o financiamento do nosso trabalho ampliando a mais-valia: vendo todo o meu tempo e não mais as horas estabelecidas no contrato; vendo meu pensamento, minhas verdades, financio o custo do meu trabalho, pois busco fontes de financiamento para comprar tudo o que necessito; pago para produzir – tenho que publicar e hoje passa a ser pago. Tenho obrigatoriedade de ser bilíngue (ou trilíngue), ou seja, a exploração do trabalho cada vez mais é invasiva. Além de produzir tenho que competir. E volto a perguntar: PARA QUÊ? QUAL A FINALIDADE DESTA PRODUÇÃO ENLOUQUECIDA? [...]. As tecnologias estão neste contexto e criaram as condições para essa exploração do trabalho. Não criaram a exploração de modo direto, mas repito, criaram as condições para a exploração. Veja esta pesquisa com todos esses dados... redundará em um artigo que será lido por alguns, mas trará alguma contribuição para a

melhoria do trabalho docente na pós-graduação? Ficarei torcendo para que possa fazer a denúncia e por isso aceitei usar meu tempo livre (?) para responder a este questionário. (P144).

Nessa ambiência, às TD é atribuído um papel paradoxal pela cultura da produtividade e seus envolvidos: ao mesmo tempo em que auxiliam os professores numa série de tarefas, os “*mantêm em contato permanente com o trabalho*” (P016), em função de demandas contínuas e excesso de solicitações que, com a incorporação das tecnologias digitais, passaram a ter um outro ritmo: “*a multiplicação e intensificação de pedidos ‘urgentes’ e ‘emergenciais’ para realizar atividades que antes exigiriam a marcação de encontros ou reuniões específicas para solicitar as ações*” (P059). Essas demandas urgentes passam a fazer parte da rotina do trabalho docente na PG. No mesmo sentido, as solicitações que chegam via TD e que criam uma “*exigência de resposta imediata geram desconforto e tensão*” (P171), pois em muitos casos levam a uma interrupção de outra atividade que já estava sendo desenvolvida naquele momento. Dessa forma, um aspecto alterado no trabalho docente na PG é “*o sentido de urgência urgentíssima nas mais diversas solicitações, como se o acesso à informação pudesse ser identificado ao trabalho com ela [em um contexto em que] as TD têm servido ao produtivismo cada vez mais arraigado*” (P231). Essa conjuntura contribui para que muitos professores visualizem as alterações no seu trabalho na PG com a inserção das TD a partir das demandas e volume de trabalho que ora se acumulam, ora necessitam de respostas urgentes. Nesses termos, para alguns professores, o que mais se alterou foram “*as demandas entre os colegas de trabalho. O volume de trabalho de todos faz com que demandas acumulem e todas tenham de ser respondidas muito rapidamente*” (P187). Ou ainda, a “*sobrecarga de demandas da Universidade, agências, alunos*” (P205), o que leva ao “*aumento de trabalho com grande intensidade*” (P110). Portanto, se as TD carregam as potencialidades para auxiliar no enfrentamento das demandas, na lógica do capitalismo acadêmico, elas acabam sendo utilizadas, ao contrário, para intensificar as exigências sobre os professores, como se pode observar neste depoimento: “*A demanda elevou enormemente, seja das agências de fomento, dos colegas, das chefias/coordenações, dos discentes. É fácil demandar. Para tal, basta enviar uma mensagem*” (P225). Do mesmo modo, estar mais acessível, via tecnologias digitais e móveis e, ao mesmo tempo, dispor de acesso sobre eventos acadêmico-científicos gera, em contrapartida, um maior “*volume de atividades, volume de demandas por orientação, acesso irrestrito a possibilidades de produção para eventos que exigem acompanhamento e orientação*” (P190).

Nesse contexto, em que a PG e a universidade operam cada vez mais sob a lógica mercantil, o produtivismo exacerbado acaba balizando o trabalho do professor/pesquisador. Isto impõe o redimensionamento espaço-temporal indicando “uma nova dimensão do tempo (do tempo de trabalho) que ultrapassa a clássica duração da jornada de trabalho” (BIANCHETTI; MACHADO, 2009, p. 7), acabando por invadir a vida privada dos professores/pesquisadores, levando à in/extensificação do trabalho.

4 DA INTENSIFICAÇÃO À EXTENSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE TRABALHO: UBIQUIDADE *FULL TIME*

Embora não seja usual a denominação, a extensificação do trabalho já foi apreendida por diversos autores como extensão ou prolongamento da jornada de trabalho da PG, em função do trabalho intensificado. Nesse sentido, diferentemente do que se esperava, as então novas tecnologias não trouxeram mais tempo livre para os trabalhadores. Pelo contrário, o tempo que se economiza para várias tarefas com o suporte das TD se converte em tempo para mais trabalho, em qualquer tempo e lugar (BIANCHETTI; MACHADO, 2009). Paradoxalmente esse mesmo suporte tecnológico facilita, por assim dizer, que o trabalho seja estendido para outras ambiências, por vezes simultaneamente, levando a uma condição ubíqua do trabalho. Esse movimento sintetiza o que consideramos como extensificação do trabalho docente: o trabalho levado a outros tempos e outros lugares, originalmente de lazer, descanso e sono. E, nesse sentido, processos comunicacionais e produtivos instaurados sobre a base do uso das tecnologias digitais e móveis ganham centralidade: não é coincidência que, com a intensificação do uso das TD na atualidade, autores como Crary (2014) e Han (2015) analisem, respectivamente, que o último reduto de resistência do trabalhador ao capitalismo tardio tem sido o sono, à medida que estamos nos sedimentando enquanto uma sociedade do cansaço.

O acúmulo de atividades na PG e a impossibilidade de ampliação do tempo cronológico estão levando a uma “indissociação do tempo e espaço pessoais e de trabalho – o trabalho que extrapola o campus e invade a vida pessoal e familiar” (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009, p. 234), agora amplificado com o auxílio das TD. Entre os inúmeros depoimentos acerca da extensificação do trabalho, observa-se, primeiramente, que esse é um fenômeno que ocorre independentemente do contexto de trabalho dos professores e que o processo tem ocorrido de modo indiscriminado, tornando-se cada vez mais sistêmico.

A maioria dos depoimentos categorizados nessa dimensão aponta para prejuízos pessoais em detrimento do trabalho, que irrompe via tecnologias digitais e móveis. Dos depoimentos, apreendemos que o processo é de constante atividade, invasão de privacidade e diluição de horários e espaços públicos e privados, número ilimitado de horas de trabalho, trabalho em qualquer local e a qualquer tempo, perda de controle sobre o próprio tempo de descanso e inexistência de um ‘horário comercial’, diminuição ou desaparecimento de finais de semana, férias e momentos de descanso, de lazer ou em família. Nesse mesmo sentido, Sguissardi e Silva Júnior (2009, p. 44-45) denunciam a forma como os professores são compelidos à ideologia do produtivismo acadêmico decorrente das políticas educacionais: “Seu trabalho converteu-se em sua droga cotidiana, sua paixão”. Esse processo manifesta-se no seguinte depoimento a respeito do que se alterou no trabalho na PG com a incorporação das TD: “*A intensificação do trabalho que altera a concepção de tempo e espaço. Condiciona a gente de tal modo, que não consigo deixar de abrir e-mails antes de dormir; parece que fico “devendo” aos que me acionam. Dilui-se a relação tempo de trabalho e tempo privado... continuamos trabalhando sempre*” (P053).

Esse movimento emerge em outros depoimentos de professores: “*Intensificou-se a não separação de trabalho e família, ou trabalho e lazer (eu já misturava isso, usando o tempo fora da universidade para o trabalho. Agora, muito mais!)*” (P130). “*O tempo pessoal diminuiu e o tempo profissional aumentou*” (P158). “*Avalio que [as TD] cada vez se tornam mais presentes e que isso acaba por não delimitar mais os momentos de lazer e trabalho. Mesmo em férias não há como se desligar das atividades de orientação, por exemplo. Faço correções e interajo com os alunos*” (P167). Outros depoimentos apontam na mesma direção e denunciam que o processo é praticamente automatizado, a exigência é velada e a cultura de trabalhar o tempo todo pode ser um processo sem volta, à medida que tal cultura é incorporada pelas novas gerações de professores que ingressam na PG sob a lógica produtivista. Neste sentido:

A intensificação do trabalho é visível, e os tempos de trabalho e lazer se misturaram completamente, e creio que de forma irreversível. Assim, trabalho na pós-graduação todos os dias, todo tempo. Isso não é, em si, um mal. A questão é que o número de tarefas realizadas aumentou muito e a expectativa dos outros – colegas, orientandos, familiares – é que estas sejam executadas imediatamente, o que gera uma grande tensão. Tanto para mim quanto para os outros. (P188).

Para mim, as maiores alterações são no dimensionamento do tempo livre e volume de trabalho. Como o acesso é livre e a todo momento, eu me sinto o tempo todo trabalhando, mesmo em momentos de lazer, uma vez que há uma exigência velada que suas respostas sejam rápidas e contínuas. (P266).

O prolongamento da jornada e dos locais de trabalho [visto que o trabalho pode ser (tele)transportado para qualquer lugar e estar sempre ao alcance de um “clique” ou toque, usando uma simbologia mais contemporânea] com mediações das TD corroboram com o caráter que a ubiquidade do trabalho representa: *a instalação de uma cultura de total disponibilidade do docente* (P003), em função da comunicação propiciada pelas redes e dispositivos digitais. Neste sentido, pelo menos para uma parte dos professores da PG, não apenas as condições de trabalho são degradantes, mas também as próprias condições de vida, visto que em muitos casos o trabalho é definido como trabalho em tempo integral, levando às últimas consequências o termo “dedicação exclusiva” que caracteriza o regime de contratação da maioria dos professores. Embora, nesses casos extremos, haja uma ausência explícita de menções sobre como as TD entram nessa relação, podemos tangenciar como os professores concebem essa relação: “*estar disponível sempre*” (P271) e “*estar ‘ao alcance’ dos alunos (e de todos) a todo momento*” (P236), expressões que remetem às características da ubiquidade definidas por Santaella (2007).

De outro modo, a redução dos quadros de servidores técnicos-administrativos e a informatização de processos burocráticos transferiu para os professores outra parte do trabalho da PG:

A facilidade de trabalhar a qualquer tempo e em qualquer lugar faz com que trabalhemos mais. A burocracia universitária passou a ser regida por processos TD e perdemos muito tempo para aprender a usá-los. Os departamentos diminuíram o número de colegas [técnicos] administrativos e, portanto, somos nós quem gerenciamos toda a vida acadêmica e funcional (P029).

Além disso, não apenas uma parte do trabalho foi transferida para o professor, como também faz com que esse trabalho venha em dobro: “[há] *maior volume de trabalho e trabalho replicado, pois coexiste a velha via ‘burocrática’ do papel e a forma eletrônica*” (P264). Concomitantemente, as TD propiciaram um maior controle sobre as atividades do professor, muitas vezes de forma coercitiva, como explicitado: “*O controle da atividade docente e o desenvolvimento de posturas autoritárias por parte dos gestores. O uso abusivo de avaliações quantitativas (ex.: planilhas)*” (P024). Ou ainda: “*Os controles das instituições (IFE e institutos de pesquisa) sobre mim e meus passos no trabalho, em tempo real*” (P097).

Essa coerção e uso de formas de controle, muitas vezes sutis, típicas da engenhosidade capitalista (CRARY, 2014), conduz os docentes a um processo de autointensificação do trabalho que, muitas vezes, leva a uma condição de mal-estar e adoecimento. Alguns depoimentos ilustram esse movimento: “*As TD proporcionaram um supercontrole do*

trabalho docente e de pesquisa, intensificaram o trabalho, aumentaram a produtividade e seu intenso uso obrigatório tem contribuído para o aparecimento de doenças e precarizado a saúde do trabalhador intelectual” (P051). “A vida docente anda insuportável. Tenho enfrentado problemas de saúde com frequência. [...] não consigo diminuir a carga imensa de trabalho, que aumenta todo dia. Vivo em completo estado de desespero e penso que seria melhor abandonar a pós-graduação” (P004). Embora não se possa buscar nas tecnologias em si as razões para as condições de adoecimento das pessoas, no âmbito da PG, uma das faces do mal-estar instaurado na atividade docente reside nos limites das possibilidades de escolha (e suas consequências) em atender todas as demandas que chegam via dispositivos digitais e móveis. Mais do que uma forma de conduta no âmbito da cultura digital, trata-se de uma questão de reputação – quiçá de sobrevivência – na própria comunidade acadêmica.

Por sua vez, o uso crescente das TD leva à captura da saúde e da própria autonomia do professor, como se pode observar em vários depoimentos. Utilizar as TD em horários de não trabalho pode resultar em *“stress com a quantidade de demandas de trabalho em horários absurdos (madrugada, final de semana, feriado, férias, convalescência, entre outros)”* (P171), o que coincide com a ansiedade típica da sociedade do desempenho/cansaço (HAN, 2015): *“Perdi a autonomia. Tenho sempre um técnico para utilizar a TD. Tenho restrições para o uso de TD por questões de saúde visual”* (P191). Mas não são apenas esses elementos que afetam a saúde dos professores da PG, nos casos que analisamos: o uso mais intenso das TD, porta de entrada para demandas relacionadas ao trabalho, subtrai o tempo do ócio, imprescindível para qualquer processo criativo, incluindo o trabalho intelectual: *“Meu tempo de ócio diminuiu. Sinto-me uma máquina”* (P133). Esse depoimento reporta ao que Marx (1996) já anunciava: sem tempo livre, o homem seria rebaixado à categoria de uma simples máquina, fisicamente destrocada e espiritualmente animalizada. E para Marx, a história demonstra que a lógica capitalista (aqui especificamente na PG) visa incessantemente conduzir a classe trabalhadora a esse nível extremo de degradação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação e a forma compulsória de uso de uma nova ferramenta ou técnica de trabalho traz repercussões das mais variadas para os trabalhadores. Em nosso estudo, apesar de termos evidenciado alterações de caráter positivo em relação à incorporação das TD ao trabalho docente na PG, focalizamos a outra face desse movimento, a saber, os casos em que

acarreta alterações que tencionam o trabalhador, intensificam e extensificam o trabalho. Como ressaltado, não são tensões oriundas das tecnologias em si, mas dos mecanismos engendrados pela lógica do capitalismo acadêmico (SLAUGHTER; RHOADES, 2004) que irrompe na PG, que determina tanto as condições e os processos de trabalho, como as condições em que as TD são utilizadas. Nesse sentido, paradoxalmente as tecnologias são utilizadas para facilitar alguns aspectos do trabalho docente, no ensino, pesquisa, orientação e publicização da produção acadêmica, bem como para fazer frente aos desafios da lógica do produtivismo exacerbado; ao passo em que também são utilizadas para intensificar processos (comunicacionais, operacionais, burocráticos) e estender o trabalho para outros tempos e espaços, originalmente de descanso e lazer.

A ubiquidade evidenciada neste processo indica uma erosão de fronteiras entre tempos e espaços público e privado, de trabalho e não trabalho, produção e ócio. Ainda que o modo como cada trabalhador concebe alterações em seu trabalho seja subjetivo, os depoimentos apresentados relacionam diretamente incorporação das TD com (auto)intensificação e extensificação do trabalho na PG. Os deslocamentos de lugares, espaços e tempos, a ubiquidade da comunicação, a simultaneidade e o impulso para levar o trabalhador a produzir em uma tessitura 24/7⁴, como afirma Crary (2014), em muitos aspectos se aproxima dos depoimentos que evidenciamos no decorrer do texto.

Nos limites dessa investigação, até o momento constatamos mais elementos nocivos do que positivos dessa ubiquidade que permeia o trabalho docente, sobretudo no que diz respeito à maximização dos tempos e dos espaços convertidos, na lógica do modelo CAPES de avaliação e fomento, em espaços de produção simultânea. Sob esse aspecto da ubiquidade, o que mais emerge como prospecção, a partir dessa pesquisa e dentro dos seus limites históricos, é uma ampliação do tempo de trabalho para um trabalho *full time*, e a passagem de uma condição ubíqua de onipresença (SANTAELLA, 2007) para a de professor atemporal (termos presentes nos depoimentos dos professores pesquisados).

Produzindo a todo momento, em todos os espaços, *on-line* e *off-line*, o professor ubíquo e o seu trabalho ubíquo viriam a ser a última palavra de performatividade e produtividade na sociedade do desempenho (HAN, 2015), na qual se realiza o trabalho na PG. Nessa direção, demasiadamente distópica, ser ubíquo e estar sempre presente em diferentes espaços também significa, no modo de produção vigente, estar conectado para produzir ou consumir durante todo o tempo. A expressão trabalho *full time* na PG com o uso de TD pode

⁴ Referência à 24 horas por dia, nos sete dias da semana.

não ser (ainda) uma generalidade, mas não podemos negar que as tecnologias mais importantes criadas nos últimos dois séculos foram aquelas para administração e controle dos trabalhadores 24 horas por dia, sete dias por semana, conforme Crary (2014, p. 39) situa: a tessitura 24/7 “anuncia um tempo sem tempo, [...] sem demarcação material ou identificável [...]. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de alterações incessantes e automáticas. [...] o caráter inexorável do 24/7 repousa em sua temporalidade impossível”. O trabalho intensificado e extensificado, mediado por TD, é apenas uma dimensão desse processo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Orgs.). *Infoproletários*. Degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2011.

BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às Ciências Sociais*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BIANCHETTI, L. *Da chave de fenda ao laptop*. Tecnologia digital, novas qualificações e desafios à educação. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

_____; MACHADO, A. M. N. Publicar & morrer!? Análise do impacto das políticas de pesquisa e pós-graduação na constituição do tempo de trabalho dos investigadores. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto (Portugal), n. 28, p. 53-69, 2009.

BIANCHETTI, L.; SGUISSARDI, V. (Orgs.). *Dilemas da pós-graduação – gestão e avaliação*. Campinas: Autores Associados, 2009.

CARLOTTO, M. S. Fatores de risco do tecnoestresse em trabalhadores que utilizam tecnologias de informação e comunicação. *Estudos de Psicologia*, n. 15, p. 319-324, set./dez. 2010.

CHAUÍ, M. A Universidade Operacional. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas; Sorocaba, v. 4, n. 3, p. 3-8, out./dez. 1999.

CRARY, J. *24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CUPANI, A. *Filosofia da tecnologia*. 2 ed. Florianópolis: EDUFSC, 2015.

HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KUENZER, A. Z.; ABREU, C. B. M.; GOMES, C. M. A. A articulação entre conhecimento tácito e inovação tecnológica: a função mediadora da educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12 n. 36, p. 462-473, set./dez. 2007.

MANCEBO, D. Trabalho docente e tecnologia: controle e mercadorização do conhecimento. In: GARCIA, D. M. F.; CECÍLIO, S. (Orgs.). *Formação e profissão docente em tempos digitais*. Campinas-SP: Alínea, 2009. p. 217-236.

MARX, K. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

PARMA, G. O. C. *Inferência estatística*. Palhoça: UnisulVirtual, 2015.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SGUISSARDI, V. A avaliação defensiva no “modelo CAPES de avaliação” – É possível conciliar avaliação educativa com processos de regulação e controle do Estado? *Perspectiva*, Florianópolis, NUP/CED/UFSC, v. 24, n. 1, p. 49-88, jan./jun. 2006.

_____; SILVA Jr., J. dos R. *Trabalho intensificado nas federais*. Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. *Academic Capitalism and the New Economy: Markets, State and Higher Education*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

VIEIRA PINTO, A. *O conceito de tecnologia*. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ZUIN, Antônio A. S.; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do “publique, apareça e pareça”: um equilíbrio difícil e necessário. *Cadernos de Pesquisa*. v. 45. n. 158 p. 726-750. out./dez. 2015.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.